

Jacques Gauthier; Reinaldo Matias Fleuri; Beleni Saléte Grando (eds.). 2001. *Uma Pesquisa Sociopoética: O Índio, o Negro e o Branco no Imaginário de Pesquisadores da Área de Educação*. Florianópolis: Núcleo de Publicações do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 119 pp. ISBN: 85-87103-07-5.

O livro que apresento nesta resenha concretiza um projecto epistemológico crítico e provocativo, pelo novo modo de produção de conhecimento(s) que propõe. Situa-se claramente numa posição filosófico-epistemológica, teórico-metodológica e política alternativa, no processo de produção de conhecimento(s) em educação, assente na promoção de práticas emancipatórias, de relações simétricas entre saberes formais e saberes práticos/locais e entre diferentes lógicas/formas de racionalidade, a partir de uma experiência de pesquisa sociopoética. A obra discute, ilustra e confere viabilidade *prática* e *científica* a uma alternativa epistemológica de produção e de socialização de conhecimento(s), contrapondo de forma clara, a ainda enraizada crença da 'ciência' enquanto ponto de chegada da humanidade, e, procurando, deste modo, confrontar o olhar da ciência a partir das perspectivas das outras práticas de conhecimento às quais foram negadas toda e qualquer forma de racionalidade.

Neste sentido, a cumplicidade entre a modernidade e o conhecimento, auto-defendida como um ponto de chegada planetário, constitui-se, simultaneamente, como colonialidade ou negação epistémica planetária. Assim sendo, o processo de descolonização já não deve ser entendido, actualmente, como um projecto de libertação das colónias, mas sim, como um processo de descolonização epistémica e de socialização de conhecimento(s), tal como tem vindo a ser defendido por Boaventura de Sousa Santos e Walter Mignolo. A 'diversidade epistémica' será, então, o horizonte para o qual convergem o 'paradigma de transição' (o paradigma do conhecimento prudente para uma vida decente), proposto por Boaventura de Sousa Santos e, 'um outro paradigma' que está a surgir da perspectiva de conhecimentos e racionalidades subalternos, avançado por Walter Mignolo.

Nos vários contributos incluídos na obra,

é visível a intenção de construir alternativas epistemológicas, a partir da assumpção da crise da racionalidade no quadro da história 'interna' da modernidade europeia e da civilização ocidental, incluindo a emergência da 'epistemologia feminista' enquanto crítica dos fundamentos patriarcais da racionalidade científica. Outra direcção importante é a valorização da 'diversidade epistémica' relativamente à racialização de outras formas de conhecimento, vinculando o totalitarismo científico à colonialidade, ilustrando de forma lúcida, quanto a mim, a linha das reflexões desenvolvidas por Santos e Mignolo. O que está em jogo aqui, não é, deste modo, apenas a 'ciência' como conhecimento e prática, mas toda a ideia de ciência no mundo moderno/colonial; a celebração da ciência na perspectiva da modernidade e a revelação, até há pouco silenciada, de opressão epistémica que, em nome da modernidade, foi exercida enquanto forma particular de colonialidade.

Os autores, partem, assim, dos pressupostos de que nem todo o conhecimento é científico e de que o conhecimento científico não é necessariamente o 'melhor' ou 'preferencial' e, por outro lado, que a 'objectividade da ciência' não pode ser medida através de métodos que examinam a 'correspondência' entre lei científica e a descrição científica, mas sim, a 'perspectiva' através da qual a lei ou descrição científica está a ser produzida. Neste sentido, pensar e construir uma pesquisa sociopoética exige, sem dúvida, um processo de 'desconstrução e de reconstrução de algumas representações cristalizadas nos nossos modos de pensar e agir, construídas a partir da racionalidade platónica' (p.41).

A pesquisa sociopoética, desenvolvida por Jacques Gauthier, abre, deste modo, uma nova perspectiva teórico-metodológica no campo da educação, porque propõe um processo grupal de produção do conhecimento, em que todos os participantes se constituem como co-pesquisadores; 'porque valoriza as categorias e os conceitos produzidos pelas culturas dominadas e de resistência; porque considera o corpo como fonte de conhecimento: para além da imaginação, da intuição e da razão, explora o potencial cognitivo das sensações, da emoção e da gestualidade; porque promove a criatividade artística no aprender, no conhecer e no pesquisar; e, finalmente, porque enfatiza a dimensão espiritual, humana e política da construção dos saberes' (p.7).

Assim, constitui-se, assim, numa abordagem de pesquisa e ensino que envolve todas as dimensões do ser humano na busca e produção de conhecimentos. Parte do princípio que o ser humano não se comunica apenas através das suas palavras e gestos e nem mesmo a fonte de todo o seu conhecimento pode ser alcançada unicamente pela razão. Existem inúmeras formas de acumulação das experiências e conhecimentos, bem como inúmeros outros meios de se aceder a essa acumulação (a emoção, a visão, o olfacto, o tacto, a audição, o movimento). Nesta linha, a pesquisa do tipo tradicional, fundada apenas na razão, parece colocar o ser humano dentro de uma situação-limite, no sentido em que o conhecimento que produz sobre ele, ser humano, e, por ele, acerca da sociedade, da natureza, do mundo, etc., fica prejudicado, incompleto, para não dizer pouco significativo ou irreal.

A sociopoética tem como pressuposto uma redefinição acerca do pensamento, ou seja, segundo Gauthier, 'ao redefinirmos o pensamento como feito não apenas de razão, mas também de intuição, de emoção e de sensibilidade, ao enfatizarmos o papel do corpo e da espiritualidade na aprendizagem e na pesquisa, caminhamos rumo à autonomia, pela libertação das energias de vida e de conhecimento desconhecidas e recalçadas pelos poderes-saberes instituídos' (p. 42). De acordo com o mesmo autor, o trabalho sociopoético, implica, portanto, não separar a razão das outras fontes de conhecimento; não tratar os participantes da pesquisa como objectos, mas como sujeitos co-autores da pesquisa; não separar ciência e arte na produção do conhecimento; não se afastar das culturas de resistência como fontes de conhecimento e de categorias de pensamento; e não esquecer o sentido humano, espiritual e político da pesquisa.

Consideram, assim, os autores, a sociopoética como uma abordagem moderna e democrática de ensino-aprendizagem e de pesquisa, porque, diferentemente da abordagem tradicional, esta perspectiva descentraliza a produção do conhecimento, pois deixa de ser a especificidade de uma 'minoria de eruditos'. O processo de produção do conhecimento é reconhecido a todos quantos se dispuserem a tal tarefa, independentemente de idade, escolaridade, etnia, sexo, situação sócio-económica ou cultural. E é democrática também, ao descentralizar o processo de

produção do conhecimento às demais partes do corpo. Ou seja, o conhecimento é apreendido e produzido com o corpo todo, com os sentidos, com os gestos, com as expressões, com o ritmo, com o pensamento.

Contrariamente à prática de pesquisa tradicional e académica, imbuída da cultura hierárquica, a pesquisa sociopoética propõe a articulação auto-gestionária do grupo. O responsável pela pesquisa é o grupo. É o sujeito da pesquisa, no sentido que conduz a pesquisa sobre si mesmo. O facilitador – animador e mediador – traz as suas propostas, participa do processo de elaboração e análise dos dados. No entanto, o grupo pode ir explicitando outros projectos diferentes, mais ligados à sua realidade. Por isso, o pesquisador-facilitador precisa formar-se para desenvolver a sua sensibilidade, de modo a ser capaz de apresentar intenções fluidas e criar espaços de acolhimento e de integração entre os diferentes pesquisadores. 'Cada um traz em si, em seu próprio corpo, saberes de raízes ancestrais, culturais, históricas. O processo de pesquisa pode favorecer a explicitação destes saberes, mediante a fricção com outros saberes, com saberes de outros sujeitos e de outros contextos culturais. É na fricção entre saberes locais diferentes que se vão elaborando novos conceitos, novas categorias, novos modelos de significação. O mesmo fenómeno pode ser interpretado a partir de vários referenciais. Somente a compreensão multi- e interreferencial pode permitir entender a complexidade de cada fenómeno' (p. 9). Assim, a perspectiva sociopoética de pesquisa propõe desenvolver o pensamento complexo, criando diferentes olhares e articulando diferentes referenciais e diferentes lógicas, isto é, articulando formas contraditórias de saber. Todavia, ao tentar-se articular, no processo de elaboração do conhecimento, saberes contraditórios entre si, a sociopoética assume o desafio de pensar a fluidez, os processos, as misturas e interferências entre as diferentes lógicas de interpretação dos fenómenos.

Este livro oferece-nos a experiência de um trabalho de pesquisa desenvolvido no contexto institucional do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, com o objectivo de discutir a relevância da linguagem não verbal na construção do conhecimento, a partir de uma investigação sobre as representações que cada participante (pesquisadores-educacionais)

vinha desenvolvendo sobre as figuras do 'negro, branco e índio'. Utilizando técnicas orientais de relaxamento e introspecção, o facilitador orientou os pesquisadores/as a fazer aflorar à mente as suas representações sobre essas identidades étnicas. Em seguida, apoiando-se na ideia de Augusto Boal de 'teatro-imagem', propôs que cada um(a) criasse uma imagem a ser, depois, representada por 'esculturas' feitas com os corpos dos parceiros. A apresentação de cada uma das imagens proporcionou a explicitação de diferentes interpretações, por parte dos observadores. Os comentários foram sendo registados em diários, tarefa assumida em alternância pelos pesquisadores/as nas diferentes sessões de trabalho. Estas anotações foram utilizadas para elaborar relatos, análises e sínteses, retomadas parcialmente nos textos que compõem este livro. A elaboração do livro constitui, portanto, o resultado de um processo de construção e de deliberação colectiva, e que demonstra, também, as dificuldades de práticas democráticas realizadas por um grupo com interesses específicos.

Mas sobretudo demonstra, e de modo pertinente, que existem outros caminhos culturalmente significativos para se pensar a construção colectiva e corporal de conhecimento(s). Tal como afirmam, 'as possibilidades de teorizar as práticas sociopoéticas são várias, mas todas são culturalmente marcadas, contextualizadas. Daí a riqueza desta proposta: ninguém deve renunciar ao chão cultural da sua própria formação para se sentir à vontade no ambiente sociopoético e teorizar a sua prática' (p. 22).

Pode-se, portanto, concluir que este livro faz prova da viabilidade prática e científica no empreendimento de projectos alternativos de pesquisa que contribuam para o desenvolvimento de novos modos de interrogar a realidade, a partir de preocupações emancipatórias que incluem práticas e metodologias transgressivas ou metodologias etnográficas e participativas. Estas permitem, por sua vez, contribuir para o desenvolvimento ou desvendamento de 'novos' modos de produção de conhecimentos(s), apontando, assim, para o desenvolvimento de formas metodologicamente provocativas de relação entre cultura, ciência e sociedade.

Regina Tralhão

Instituto Superior Miguel Torga

J. Rogers Hollingsworth, Karl H. Muller e Ellen Jane Hollingsworth (editores). 2002. *Advancing Socio-Economics: An Institutional Perspective*. Boston: Rowman and Littlefield. 450 pp. ISBN: 0-7425-1176-6.

Se existem obras que constituem um marco importante no avanço da teoria económica, *Advancing Socio-Economics* é, sem dúvida, um desses casos. Trata-se de uma colectânea de importantes textos que se inserem no ressurgimento vibrante que a sócio-economia tem conhecido nas duas últimas décadas. Radicada numa tradição que remonta a Smith, Marx, Weber e Schumpeter, a abordagem sócio-económica parte da assumpção que os sistemas económicos estão embutidos (*embedded*, no original) na sociedade, na política, na história e na cultura. Aliás, esta concepção – a *embeddedness view* – já presente em *Contemporary Capitalism* que Rogers Hollingsworth edita com Boyer, em 1997, atravessa toda a obra. Afastando-se do programa de investigação neoclássico, a sócio-economia não pretende, contudo, afirmar-se como um novo paradigma. Como refere R. Hollingsworth, 'it should be seen as a comprehensive platform for a variety of theoretical traditions stressing the complexity of relations or the entangled nature or interactions among individuals, institutions, organizations, knowledge, and societies' (pp.3). Assim, com uma natureza interdisciplinar e um estatuto híbrido, a sócio-economia procura estabelecer pontes que promovam uma maior integração das várias ciências sociais, lutando, desta forma, contra a fragmentação académica observada no último século. No entanto, face à intensa proliferação de estudos na área, corre-se o risco, como sublinham os editores no Prefácio, que essa diversidade cognitiva se perca em caminhos estéreis. Assim, o primeiro objectivo da obra é que possa constituir um primeiro passo no sentido de impor alguma 'ordem na casa', possibilitando a organização de uma plataforma teórica comum que forneça os elementos básicos para estudar as dinâmicas das sociedades contemporâneas numa perspectiva sócio-económica.

Um aspecto chave do livro é a consideração que a análise institucional constitui o foco central no desenvolvimento de uma agenda de investigação sócio-económica. Entende-se, assim, que os editores dediquem o